



## A POLÍTICA E OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: UMA REVISÃO CONCEITUAL<sup>1</sup>

Bárbara Schausteck de Almeida  
Wanderley Marchi Júnior

### RESUMO

*O crescimento na exposição e na proporção de eventos esportivos como os Jogos Olímpicos e Paralímpicos e a Copa do Mundo FIFA trouxe uma série de consequências para as cidades e países sedes. Nesse sentido, propomos a revisão de três compreensões conceituais que se evidenciam em discursos e ações políticas: impulso ao crescimento e desenvolvimento urbano, status de cidade global e aprimoramento de imagem, e soft power. Ao discutir esses conceitos com base na literatura internacional, apontamos que eles embasam motivações e são consequências da realização dos megaeventos em diferentes casos, especialmente a partir da década de 1960. Assim sendo, eles podem servir para subsidiar o debate científico-acadêmico brasileiro em virtude da realização de tais eventos no país.*

*PALAVRAS-CHAVE: Megaeventos; Esportes; Política; Revisão.*

### INTRODUÇÃO

Desde 2009, com a eleição do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, a comunidade científica da Educação Física brasileira foi mobilizada a debater de forma mais aprofundada o significado desse megaevento e, em conjunção com a Copa do Mundo FIFA 2014, suas consequências. De fato, o tema dos megaeventos esportivos vinha sendo examinado por alguns pesquisadores (DACOSTA et al, 2008; RUBIO, 2007). Concordando com Tavares (2011), identificamos na literatura nacional e internacional que os debates, aprofundados e dirigidos aos megaeventos esportivos, são mais significativos a partir dos anos 2000.

A possibilidade de identificar essa datação ou ruptura não se trata de um descaso dos pesquisadores em períodos anteriores. Numa revisão da literatura em inglês, por exemplo, encontramos que os estudiosos da área do turismo debatiam o impacto dos Jogos Olímpicos de Inverno em Calgary (Canadá) 1988, utilizando para isso o termo “megaevento” (JAFARI, 1988). Também na década de 1980, o termo eventos marcantes (*hallmark events*, em inglês) era utilizado para descrever eventos de duração limitada de característica única, que tinham como objetivo criar o interesse ou aumentar o apelo e a rentabilidade de uma cidade enquanto

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado no período de vigência de bolsa de estudos CAPES pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior, processo número 9443/12-6. Apoio da Fundação Araucária.

destino turístico (RITCHIE, 1984; HALL, 1989). Roche (1992) ainda cita, sem referenciar, a existência de uma literatura norte-americana na temática na década de 1970.

Esses indícios demonstram que não há necessariamente um novo tema emergente, mas talvez a aplicação de uma nova terminologia pela necessidade de enfatizar a proporção alcançada por esses eventos. O número de atletas participantes e territórios para os quais os Jogos Olímpicos são transmitidos praticamente dobraram no período entre 1980 e 2012 (MILLER, 2012). Financeiramente, em se tratando dos direitos de transmissão para redes de televisão dos Estados Unidos, por exemplo, observamos que o valor pago para transmitir os Jogos Olímpicos de Montreal 1976 representa apenas 2% do total pago para a transmissão dos Jogos Olímpicos de Londres 2012, numa variação de US\$ 25 milhões para US\$ 1,181 bilhão (HORNE; MANZENREITER, 2006). Os mesmos autores apontam que um relevante crescimento nos valores arrecadados pelos direitos de transmissão também é observado na Copa do Mundo FIFA, assim como nos direitos de patrocínio para ambos os megaeventos.

Sustentados por essas informações, Horne e Manzenreiter (2006) propõem que o crescimento desses eventos esportivos para que se tornassem “mega” se deu em virtude de três grandes fatores: o desenvolvimento de tecnologias que permitiram a comunicação em massa, a aliança entre esporte e negócios através dos contratos de patrocínio e licenciamento e a possibilidade de promoção de cidades e regiões que os sediam.

Em consideração a esse último elemento, propomos uma revisão de literatura para explorar mais profundamente como essa promoção acontece e suas possibilidades políticas decorrentes. Nesse sentido, serão abordados três conceitos: impulso ao crescimento e desenvolvimento urbano, status de cidade global e aprimoramento de imagem, e *soft power*. Com a apresentação desses conceitos, temos por objetivo trazer subsídios para o debate acadêmico-científico, considerando as motivações e consequências que os megaeventos esportivos podem trazer sob o ponto de vista político, conforme observado para casos anteriores.

A revisão da literatura foi realizada a partir de livros e artigos científicos de revistas indexadas nos bancos de dados *OneFile*, *Web of Science*, *ScienceDirect*, *Emerald*, *SAGE Journals e Publications*, *Wiley Online Library*, *JSTOR*, *SpringerLink*, *MEDLINE*, *Oxford Journals*, *Scielo*, *SpringerLink* e *Directory of Open Access Journals*. Foram utilizadas as seguintes palavras chave, nos termos em inglês: Jogos Olímpicos (*Olympic Games*) e megaeventos (*mega-events*) em combinação do nome e ano das cidades sedes: Melbourne 1956, Tóquio (*Tokyo*) 1964, Cidade do México (*Mexico City*) 1968, Los Angeles 1984, Seul

(*Seoul*) 1988, Barcelona 1992, Atlanta 1996, Sidney (*Sydney*) 2000, Atenas (*Athens*) 2004, Pequim (*Beijing*) 2008 e Londres (*London*) 2012. A eleição dessas cidades se deu pelo entendimento que esses casos demonstram como cidades fora do eixo Estados Unidos/Canadá e Europa realizaram os eventos até a década de 1980 e, a partir de 1984, com a lógica profissional e comercializada que se mantém aos dias atuais (RUBIO, 2010). Nos resultados, realizamos buscas nos textos completos com os termos impulso urbano (*urban boost*), crescimento urbano (*urban growth*), melhoria na imagem (*image enhancement*), cidade global (*global city*) e *soft power*. Pelos limites de espaço, optamos por utilizar os casos mais característicos que poderiam auxiliar no panorama intentado nesta pesquisa.

## IMPULSO AO CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO URBANO

Os megaeventos de uma forma mais ampla, como as feiras e exposições universais, assim como os esportivos, proporcionam um desafio, mas também a possibilidade de desenvolver a infraestrutura urbana das cidades que os sediam. A torre Eiffel, em Paris, e o Estádio Wembley, em Londres, são exemplos de estruturas construídas para eventos (nesses casos, nos anos de 1889 e 1924-25, respectivamente) que simbolizam tentativas bem sucedidas de diferenciação global através de ícones arquiteturais. Em relação aos eventos esportivos, em iniciativas mais notáveis a partir dos anos 1960, os Jogos Olímpicos passam a não só mobilizar a renovação ou construção de estruturas esportivas, mas também promover mudanças substanciais na infraestrutura das cidades sedes, através da construção de estradas, transporte público e acomodação (CHALKLEY; ESSEX, 1999; LIAO; PITTS, 2006). Nos Jogos Olímpicos de Seul 1988 e Barcelona 1992, os investimentos em infraestrutura urbana foram aproximadamente 66% do investimento total para o evento e para Tóquio 1964 esse percentual alcançou 97%. Por outro lado, em Montreal 1976 esse tipo de gasto foi de apenas 13% (LIAO; PITTS, 2006). Conforme os objetivos locais, tais eventos possuem legitimidade para atuar como o “gatilho” para maiores obras de infraestrutura urbana pela grande escala do evento, que possibilita utilizá-lo como justificativa para projetos mais amplos em períodos pré-definidos (ANDRONOVICH; BURBANK; HEYING, 2001; CHALKLEY; ESSEX, 1999).

Esse fato pode ser exemplificado com um caso nacional. Após a eleição do Rio de Janeiro como cidade sede para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, a revista *Veja* trouxe em reportagem que para execução do projeto do porto do Rio de Janeiro, a prefeitura havia conseguido R\$ 374 milhões em recursos federais para as obras. Mas com os Jogos

Olímpicos, a estimativa de investimento teria aumentado para R\$ 3,2 bilhões (BORTOLOTTI; SOARES; ROGAR, 2009a; 2009b).

O incremento no investimento ou a realização de novas obras fazem parte das consequências de se sediar tais eventos. Quando benefícios de duração para além do evento em si são percebidos, estes são considerados como legados urbanos. Entretanto, esse conceito é ambíguo (GAFFNEY, 2010) se levarmos em consideração que suas consequências também incluem, em muitos casos, elevados gastos públicos, processos pouco democráticos e transparentes de investimento público, a existência de espaços de exclusão, desocupação de áreas habitacionais e a degradação ambiental (LENSKYJ, 2000; 2002).

Como exemplo de uma utilização entendida como positiva, o caso emblemático é o de Barcelona 1992. A realização de investimentos em áreas estratégicas de infraestrutura cobriam alguns dos déficits provocados pela desindustrialização e encolhimento demográfico naquela cidade. Nessa preparação, houve uma mobilização para buscar o máximo de autonomia dos outros níveis governamentais, assegurando à cidade um papel de destaque na preparação e nos possíveis méritos advindos com o evento, principalmente ao se diferenciar de Madri e se mostrar como cidade internacional (BOTELLA, 2002).

Por outro lado, Monclús (2007) aponta que não existe uma concordância geral sobre a relevância dos Jogos em relação às estratégias de urbanização da cidade, interpretadas por alguns como sendo continuidade das décadas anteriores e por outros como ponto de mudança mais progressivo. Dessa forma, os impactos e consequências não devem ser vistos como resultados exclusivos do processo de preparação para os Jogos. Ainda sobre algumas dessas contradições, ao focar a construção da vila olímpica, Scherer (2011) argumenta que o desenvolvimento deste projeto foi vislumbrado e executado pelos investidores privados, utilizando a justificativa do evento para considerá-la como futura nova área de infraestrutura desenvolvida para serem habitadas por pessoas que podem pagar por elas após os Jogos. A área de localização ótima em frente ao mar e próxima ao centro histórico, mas antes numa área pós-industrial decadente e inacessível, passa a ser valorizada após a sua renovação para os Jogos e afeta a visão da cidade como um todo (MUÑOZ, 2006).

O exemplo de Barcelona indica que os tipos de obras e a capacidade de realização variam conforme as especificidades das cidades sedes. Fatores econômicos e políticos acabam por influenciar quais serão os investimentos e onde eles serão localizados. No caso das cidades estadunidenses, por exemplo, os comitês de candidatura e organizadores são privados e o investimento de recursos públicos é mínimo ou muito inferior ao de outros países, sendo

que a motivação para realizar o evento não se dá pela renovação urbana, mas majoritariamente para promover o crescimento econômico através da atração e realização de investimentos privados (ANDRONOVICH; BURBANK; HEYING, 2001; HILL, 1996). No ambiente interno dos Estados Unidos, essa iniciativa é uma resposta à política de redução de impostos e do orçamento público como forma de incentivar o crescimento econômico e a livre iniciativa (COLLINS, 2007). Esses empresários que ocupam os cargos nos comitês organizadores tinham como áreas de negócio bancos, companhias de seguro, comércio local e nacional, imobiliárias, advocacia e mídia (GLYNN, 2008). Sendo assim, tais ações para recepção dos eventos esportivos buscavam o desenvolvimento de infraestrutura para atrair negócios, empréstimos a baixos juros para pequenos negócios, o crescimento entre a cooperação com regiões próximas e parcerias público-privadas (BURBANK; ANDRONOVICH; HEYING, 2002).

Dessa forma, a situação ideal que normalmente é mobilizada nos discursos que visam o convencimento sobre os méritos em se candidatar e sediar os megaeventos esportivos é uma mistura de Barcelona 1992 e Los Angeles 1984: a regeneração da infraestrutura urbana para além do período do evento e o balanço econômico positivo entre gastos e arrecadação. Entretanto, um olhar mais aprofundado indica que esses casos não estão isentos de contradições e contextos bastante específicos sob os quais se aplicam. Esse estado de contradições parece aplicável ao caso recentes do Rio de Janeiro, em que a perspectiva neoliberal de investimentos públicos para uso privado tem acentuado as exclusões sociais no espaço urbano (GAFFNEY, 2010).

## APRIMORAMENTO DE IMAGEM E STATUS DE CIDADE GLOBAL

Um imaginário de cidade global normalmente é promovido por elites econômicas e políticas para agregar um cenário positivo à visão dos habitantes locais e estrangeiros, conquistando assim o interesse para variadas formas de investimentos e suporte local para a execução de políticas. Os megaeventos esportivos são utilizados como um dos possíveis meios para esse convencimento, especialmente pela visibilidade proporcionada pela audiência mundial, em que a cidade e o evento servem como um palco para exibição de suas propriedades e como iniciativa para mostrar abertura e conexão com outras partes do mundo (SHORT, 2008).

O uso dos Jogos Olímpicos para esse fim é exemplificado no caso das cidades asiáticas - Tóquio 1964, Seul 1988 e Pequim 2008. Cada qual com um contexto ímpar de

tentativa de afirmação política para o público internacional (MANZENREITER, 2010; SEH-JIK, 1991; LEEDS; MIRIKITANI; TANG, 2009), mas tendo em comum o crescimento econômico (KIM, VOORHEES, 2011), tal combinação resultava na possibilidade de utilizar o evento como uma plataforma de demonstração de poder e “abertura ao mundo”. Entretanto, tal “abertura”, colocada como intenção e consequência, deve ser vista em perspectivas mais amplas, já que ela acontecia também em outras frentes. Japão, Coréia do Sul e China, nos períodos de candidatura para os eventos, buscavam fazer parte de outras instituições globais, como das Nações Unidas (ONU), da Organização Mundial do Comércio (OMC), do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (BAIM; MISCH, 2008; SATOH, 2010; ROSE; SPIEGEL, 2011a; 2011b).

Essa abertura se dá com a mobilização de discursos para a criação ou recriação de uma imagem, como cidade verde, cidade moderna e cidade global. Geralmente, tais criações ou recriações surgem para agregar uma imagem de “futuro” às cidades (enfrentamento de novos desafios, atualização de sua estrutura e reconhecimento internacional) em oposição ao “passado” (industrial, desestruturada e com baixa visibilidade) (SHORT, 2008). Novamente sob esses aspectos, as cidades asiáticas se mostram como um bom exemplo.

A poluição de Pequim exigiu providências anos antes da própria candidatura, sendo que as primeiras medidas para mudar este quadro foram adotadas já em 1998 (JARVIE; HWANG; BRENNAN, 2008). A mobilização, nesse aspecto, foi tomada como um dos três temas que serviriam como pilares do evento: “Jogos verdes, Jogos tecnológicos, Jogos humanísticos”, sendo este último também traduzido como “Jogos das pessoas”, que refletem a estratégia nacional de desenvolvimento científico, sustentável e de harmonia na sociedade comunista (XU, 2006, p. 104-105). No caso de Tóquio, o evento era a oportunidade de evidenciar um rito de passagem, da notoriedade do período de guerra e da pobreza e destruição pós-guerra à superação através do posicionamento da cidade em uma nova era de riqueza econômica (TAGSOLD, 2010). Já Seul utilizou o exemplo positivo de Tóquio, em que os Jogos Olímpicos teriam sido um ponto de evidência da transição econômica e a visibilidade teria possibilitado o alcance de patamares semelhantes aos de nações desenvolvidas em áreas como cultura, sociedade e diplomacia. Um segundo motivo seria o uso do evento como uma plataforma para contrapor as propagandas negativas que vinham sendo mobilizadas pela Coreia do Norte sobre sua capacidade e estrutura, possibilitando a exposição de uma imagem diferenciada (SEH-JIK, 1991).

Embora esses fatores possam parecer mais evidentes para as cidades orientais, elas aparecem também em outros exemplos. Na década de 1960, o México vivia um período de crescimento econômico não reconhecido internacionalmente e com uma imagem internacional baseada na contínua subordinação e em estereótipos de sujeitos, de desesperados inescrupulosos ou de inocentes vulneráveis, fomentados pela indústria cinematográfica dos Estados Unidos. A esperança era hospedar o evento com sucesso em 1968 para apagar para sempre a imagem de corrupção, ineficiência e desconfiança que pairava internacionalmente sobre o país e seu povo (BREWSTER; BREWSTER, 2009).

Em Barcelona 1992, os Jogos Olímpicos para o governo espanhol se tornaram uma peça do chamado “projeto 1992”, que juntamente com outros eventos internacionais, tinha como principal intenção mostrar a modernização da Espanha para o mundo e a possibilidade dela ter um papel central na Comunidade Europeia, cujo ano de entrada se deu no mesmo ano da eleição para os Jogos Olímpicos, em 1986 (ROSE; SPIEGEL, 2011b). Considerando o alto volume de investimento e a complexidade dos projetos, o governo centralizou o comando dos processos, visando garantir uma homogeneidade e coerência na imagem a ser projetada (BOTELLA, 2002).

No caso de Atlanta 1996, notava-se sua relevância econômica e de infraestrutura, porém a carência de uma identidade social e cultural mais vibrante. Dessa forma, se a cidade não possuía um apelo “natural” ou construído historicamente, precisava construí-lo. Ao buscar desenvolver a indústria do entretenimento, o esporte foi usado como estratégia, especificamente ao atrair equipes que disputassem as principais ligas de futebol americano, basquete e beisebol. Nesse ponto, a motivação para os Jogos Olímpicos se deu essencialmente para criar uma imagem da cidade internacionalmente, dando uma nova roupagem em aspectos para além do econômico, e também localmente sobre a autoconfiança entre empresários e população (WHITELEGG, 2000).

Em Sidney 2000, a candidatura possuía uma estratégia de promoção cultural da cidade (SMYTH, 1998; WAITT, 1999), com a mobilização para fins empreendedores em resposta à desaceleração da industrialização. Esse processo transformou os centros de produção em centros de consumo, utilizando-se do espetáculo como atração; levantou a necessidade de diferenciação através da promoção de uma imagem atrativa para negócios; e mobilizou o investimento em remodelações urbanas (PUNTER, 2005; WAITT, 1999). Num sentido mais amplo, nas manifestações públicas relacionadas à candidatura, argumentava-se que os Jogos seriam importantes para firmar Sidney na posição de cidade central da região Ásia-Pacífico e

como destino turístico internacional (WAITT, 2003), sendo uma oportunidade para mostrar as conquistas em diversas áreas como economia, política, diplomacia, ciências, religião e etnicidade (CASHMAN, 2006).

Mesmo para uma cidade considerada como “global”, como Londres, é possível refletir sobre a necessidade ou possibilidades abertas por uma candidatura olímpica. A disputa final na votação, entre Londres e Paris, Reino Unido e França, simbolicamente expunha um embate histórico entre as duas nações, que no período se acirrava com discordâncias sobre a guerra no Iraque e questões relacionadas à União Europeia (LEE, 2006). Nesse caso, seria frutífero compreender como a eleição, nesse contexto, pode ter colaborado, ou não, na legitimação de lideranças políticas ou ao reforçar um sentimento de liderança mundial de um país que se entende ter um papel central nas questões internacionais. Ou ainda, de que forma sediar o evento pode ter reforçado ou incorporado novas imagens àquela já existente de centralidade da cidade no contexto mais amplo.

### *SOFT POWER*

Os megaeventos esportivos contemporâneos estão imersos num mundo interconectado mais amplo, influenciando e sendo influenciado por estratégias de política externa (JACKSON; HEIGH, 2009). Embora as instituições esportivas com frequência busquem o distanciamento político e não intervenção, elas são políticas por sua própria constituição quando propõem ser uma organização internacional, ainda que não governamental (SUGDEN; TOMLINSON, 1998). Esse afastamento político causa algumas restrições na forma de gestão, mas a posse de valiosos produtos, os megaeventos esportivos, possibilita a negociação com países interessados em sediar os futuros eventos (PERSSON, 2002). Esse fator é particularmente importante para analisar como essa posição independente possibilita uma interferência mais ou menos direta na agenda política nacional, tanto na perspectiva nacional quanto internacional.

Em um sentido geral, a política externa pode ser entendida como a “soma das relações externas oficiais conduzidas por um ator independente (normalmente o estado) nas relações internacionais” (HILL, 2003, p. 3). Compreendendo que os megaeventos esportivos são produtos internacionalmente reconhecidos e transmitidos, repletos de um significado simbólico positivo no senso comum que causa um apelo para o consumo massivo, sua “instrumentalidade política” para a política externa se torna evidente (CORNELISSEN, 2009, p. 133). Ao sediar ou tentar sediar tais eventos, os países buscam estabelecer e disseminar um

perfil positivo para investidores, para turistas e para outras nações, visando estabelecer uma distinção na arena global (CORNELISSEN; SWART, 2006, CORNELISSEN, 2009).

Para compreender como os governos tentam sediar megaeventos esportivos como parte de suas estratégias de política externa, um conceito emergente é o de *soft power*. O termo, utilizado nas Relações Internacionais pelo seu original em inglês, foi desenvolvido por Joseph Nye e pode ser entendido como “a habilidade de conquistar o que se quer através da atração, ao invés da coerção ou pagamento” (NYE, 2004, p. x). Assim, em distinção ao *hard power*, entendido como o uso da força violenta, militar ou econômica, o *soft power* é visto com frequência como quando as pessoas, instituições ou países aceitam a autoridade dos outros como normal, através da cultura e das iniciativas e ações políticas (NYE, 2004). Como consequência, os países que almejam o sucesso internacional devem administrar o *soft* e o *hard* de forma conjunta (NYE, 2004; 2008). Diferente da diplomacia pública, que se refere às ações para interferir o ambiente externo do país, como a publicidade e programas de cooperação internacional, o *soft power* contempla também as ações e políticas internas para resultar nessa interferência que não são necessariamente coordenadas pelos governos nacionais (FINLAY; XIN, 2010; NYE, 2008).

Como exemplo, após os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Londres 2012, o conceito de *soft power* foi utilizado para descrever como as pessoas ao redor do mundo tiveram sua visão sobre o Reino Unido influenciada pela apresentação da cultura britânica, seus valores, instituições esportivas e meio ambiente (WORNE, 2012). De fato, o desenvolvimento do *soft power* foi um objetivo de legado direto para Londres 2012, com planos de construir uma relação de influência com outros países através de campanhas internacionais, que incluía filmes, eventos e atividades comissionadas (DCMS, 2010).

O *soft power* é construído historicamente e depende da percepção das políticas e ações pelos outros, de forma que somente uma ação única raramente é capaz de promover alterações consideráveis nessa percepção. Manzenreiter (2010) estende essa posição e argumenta que existe uma noção superestimada do poder dos megaeventos esportivos, em especial dos Jogos Olímpicos, para melhorar a imagem de um país internacionalmente.

Essas preocupações sobre o potencial em sediar os megaeventos esportivos para provocar o crescimento do *soft power* são levados em consideração por qualquer cidade sede, mas os debates parecem ser especialmente delicados quando envolvem potências econômicas emergentes como Brasil, Catar, Índia e China. Citando Nye (2008, p. 95): “se o conteúdo cultural, de valores e de políticas de um país não são atrativos, a diplomacia pública que os

‘comunica’ não podem produzir *soft power*”. Por exemplo, antes dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Pequim 2008, debates sobre os problemas relacionados aos direitos humanos, qualidade das manufaturas e meio ambiente foram apontados sobre a China (MANZENREITER, 2010). De forma semelhante, na preparação para os Jogos da Comunidade Britânica (*Commonwealth Games*) de 2010, inúmeras imagens de pobreza, corrupção e poluição foram veiculadas sobre a Índia (CARTER, 2011). Pesquisas de opinião sugerem que a imagem da China na Europa não aumentou como consequência do país ter sediado os Jogos Olímpicos e Paralímpicos em 2008 (FINLAY; XIN, 2010; MANZENREITER, 2010). Embora os discursos nos levem a crer que esses eventos são favoráveis a uma melhoria no ambiente global, até que ponto eles são a proporcionam ainda é uma questão em aberto. Porém se os problemas anteriores não são ignorados ou esquecidos, os megaeventos são utilizados para apresentar histórias alternativas (CULL, 2011).

Como lidar com esse passado ou como apresentar a cultura, os valores e a política de uma forma a ser bem recebida por uma audiência internacional é o desafio para países que sediarem os megaeventos no futuro. E também para a política externa especialmente dos países que buscam reconhecimento para além de seu poderio econômico e/ou militar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste trabalho foi apresentar três aspectos relacionados à política dos megaeventos esportivos que têm se mostrado presentes nas edições a partir da década de 1960. Com base em alguns exemplos de sedes dos Jogos Olímpicos, demonstramos que as sedes apresentam, invariavelmente, a expectativa de utilização dos eventos para a realização de obras de infraestrutura urbana e aquecimento da economia, desenvolvimento ou reforço de uma imagem internacional para cidades e países sede e a acumulação de um poder simbólico em relação às demais concorrências internacionais.

Ainda que outras terminologias ou formas de apresentação discursiva sejam aplicadas, esses elementos compõem as iniciativas políticas que buscam justificar e convencer, em parte, a legitimidade sobre o montante necessário para o investimento financeiro de países e cidades e o direcionamento da agenda política para recebê-los em seu território. Como apontado por Silva et al (2011) para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Rio de Janeiro em 2016, existe uma expectativa que o alto investimento gere consequências mais tangíveis, instrumentais, imediatistas e quantificáveis, em detrimento dos resultados intangíveis, simbólicos. Dos três aspectos ou compreensões conceituais aqui apresentadas, o desenvolvimento da infraestrutura

se apresenta como instrumental, enquanto imagem e *soft power* são simbólicos. Estes enfrentam maiores dificuldades em serem justificados, porque são de difícil mensuração e são generalizados como “propaganda”, mas ao mesmo tempo são facilmente percebidos quando analisados os discursos políticos no contexto mais amplo da vitória olímpica brasileira (MASCARENHAS et al, 2012).

Na esfera política, tanto cidades como países sedes, posicionados entre materialidades e simbolismos, cada caso apresenta suas especificidades, normalmente relacionados aos contextos políticos, econômicos e estruturais mais amplos, tanto no período da candidatura quanto no recebimento propriamente dito de tais eventos. Nesse ponto, reforçamos a ideia que os megaeventos esportivos são mobilizados por uma competição esportiva, mas são muito mais do que isso.

## THE POLITICS AND THE SPORTS MEGA-EVENTS: A CONCEPTUAL REVIEW

### ABSTRACT

*The growth in exhibition and size of the sporting events as the Olympic and Paralympic Games and the FIFA World Cup have brought many consequences to host cities and countries. In this sense, we propose a review in three conceptual understandings present in political discourses and actions: urban boost and growth, global city status and image enhancement and soft power. By discussing these concepts based on the international literature, we argue that they motivate and are consequences of these events in different cases, especially after 1960. So, they can serve to subsidize the Brazilian academic and scientific debate regarding the hosting of these events in the country.*

**KEYWORDS:** *Mega-events; Sports; Politics; Review.*

## LA POLÍTICA Y LOS MEGA-EVENTOS DEPORTIVOS: UNA REVISIÓN CONCEPTUAL

### RESUMEN

*El crecimiento en la exposición y en la proporción de los eventos deportivos como los Juegos Olímpicos y el Mundial FIFA generó varias consecuencias para las ciudades y países sedes. Así, propusimos la revisión de tres comprensiones conceptuales que son evidenciados en los discursos y acciones políticas: el impulso al crecimiento y desarrollo urbano, el status de ciudad global y mejora de la imagen y el soft power. En la discusión de esos conceptos en la literatura internacional, apuntamos que ellos embasan las motivaciones y son las consecuencias de la realización de los mega-eventos en distintos casos, especialmente después de los años 1960. Así, ellos pueden subsidiar el debate académico-científico brasileño considerando la realización de esos eventos en el país.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Mega-eventos; Deportes; Política; Revisión.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRANOVICH, Greg; BURBANK, Matthew J; HEYING, Charles H. Olympic Cities: Lessons Learned from Mega-Event Politics. *Journal of Urban Affairs*, v. 23, n. 2, pp. 113-131, abr. 2001.
- BAIM, Dean; MISCH, Marilyn. Beijing 2008 What Kind of Games Do You Want to Play? *Review of Business Research*, v. 8, n. 6, pp. 177-184, 2008.
- BLOMMAERT, J.. *Notes on power: working paper on language diversity*. Jyväskylä: University of Jyväskylä, 2008.
- BORTOLOTTI, Marcelo; SOARES, Ronaldo; ROGAR, Silvia. O salto do Rio. *Revista Veja*, São Paulo, 07 out. 2009a. Especial Rio Olimpíada 2016, pp. 22-36.
- \_\_\_\_\_. Um projeto de futuro. *Revista Veja*, São Paulo, 07 out. 2009b. Especial Rio Olimpíada 2016, pp. 40-44.
- BOTELLA, Joan. Els jocs polítics: actors i estratègies entorn dels Jocs Olímpics de Barcelona 1992. In: MORAGAS, Miquel de; BOTELLA, Miquel (eds.). *Barcelona: l'herència dels Jocs (1992-2002)*. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics, Ajuntament de Barcelona, Editorial Planeta, 2002.
- BREWSTER, Keith; BREWSTER, Claire. The Rank Outsider: Mexico City's Bid for the 1968 Olympic Games. *The International Journal of the History of Sport*, v. 26, n. 6, pp. 748-763, 2009.
- BURBANK, Matthew J.; ANDRANOVICH, Greg; HEYING, Charles H.. Mega-Events, Urban Development and Public Policy. *Review of Policy Research*, v. 19, n. 3, pp. 170-202, set. 2002.
- CARTER, T.. Interrogating athletic urbanism: On examining the politics of the city underpinning the production of the spectacle. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 46, n. 2, pp. 131-139, 2011.
- CASHMAN, Richard. *The bitter-sweet awakening: the legacy of the Sydney 2000 Olympic Games*. Sydney: Walla Walla Press, 2006.
- CHALKLEY, Brian; ESSEX, Stephen. Urban Development Through Hosting International Events: a History of the Olympic Games. *Planning Perspectives*, v. 14, pp. 369-394, 1999.
- COLLINS, Robert M. *Transforming America: Politics and culture during the Reagan years*. New York: Columbia University, 2007.
- CORNELISSEN, S.. Scripting the nation: sport, mega-events, foreign policy and state-building in post-apartheid South Africa. In: JACKSON, S.; HAIGH, S (eds). *Sport and foreign policy in a globalizing world*. London and New York: Routledge, 2009.
- CORNELISSEN, S.; SWART, K.. The 2010 Football World Cup as a political construct: the challenge of making good on an African promise. *Sociological Review*, v. 54, n. s2, pp. 108-23, 2006.
- CULL, N. The public diplomacy of the modern Olympic Games and China's soft power strategy. In: PRICE, M.; DAYAN, D. (eds) *Owning the Olympics: narratives of the new China*. 4 ed. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2011.
- DCMS. Plans for the legacy from the 2012 Olympic and Paralympic Games. December 2010. Disponível em: [http://www.culture.gov.uk/images/publications/201210\\_Legacy\\_Publication.pdf](http://www.culture.gov.uk/images/publications/201210_Legacy_Publication.pdf). Acesso em: 06 abr. 2013.
- DACOSTA, Lamartine Pereira *et al.* (ed.). *Legados de megaeventos esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.
- FINLAY, C.; XIN, Xin. Public diplomacy games: a comparative study of American and Japanese responses to the interplay of nationalism, ideology and Chinese soft power strategies around the 2008 Beijing Olympics. *Sport in Society*, v. 13, n. 5, pp. 876-900, 2010.
- GAFFNEY, C. Mega-events and socio-spatial dynamics in Rio de Janeiro, 1919-2016.

- Journal of Latin American Geography*, v. 9, n. 1, pp. 7-29, 2010.
- GLYNN, Mary Ann. Configuring the Field of Play: How Hosting the Olympic Games Impacts Civic Community. *Journal of Management Studies*, v. 45, n. 6, pp. 1117-1146, set. 2008.
- HALL, Colin Michael. The definition and analysis of hallmark tourist events. *GeoJournal*, v. 19, n. 3, pp 263-268, 1989.
- HILL, Christopher R. *Olympic politics*. 2. ed. Manchester, UK: Manchester University Press, 1996.
- HILL, C. *The changing politics of foreign policy*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2003.
- HORNE, John; MANZENREITER, Wolfram. An introduction to the sociology of sports mega-events. *Sociological Review*, v. 54, n. 2, pp. 1-24, 2006.
- JACKSON, S.; HAIGH, S (eds). *Sport and foreign policy in a globalizing world*. London and New York: Routledge, 2009.
- JAFARI, J. Tourism mega-events. *Annals of Tourism Research*, v. 15, n. 2, pp. 272-273, 1988.
- JARVIE, Grant; HWANG Dong-Jhy; BRENNAN, Mel. *Sport, Revolution and the Beijing Olympics*. Oxford and New York: Berg, 2008.
- KIM, Myunghee; VOORHEES, Mychal. Government Effectiveness and Institutional Trust in Japan, South Korea, and China. *Asian Politics & Policy*, v. 3, n. 3, pp. 413-432, 2011.
- LEE, Mike. *The race for the 2012 Olympics: the inside story of how London won the bid*. London: Virgin, 2006
- LEEDS, Michael A; MIRIKITANI, John M; TANG, Danna. Rational Exuberance? An Event Analysis of the 2008 Olympics Announcement. *International Journal of Sport Finance*, v. 4, n. 1, pp. 5-15, 2009.
- LENSKYJ, Helen Jefferson. *Inside the Olympic industry: power, politics and activism*. Albany, NY: State University of New York Press, 2000.
- \_\_\_\_\_. *The best Olympics ever? Social Impacts of Sydney 2000*. Albany, NY: SUNY Press, 2002.
- LIAO, Hanwen; PITTS, Adrian. A brief historical review of Olympic urbanization. *International Journal of the History of Sport*, v. 23, n. 7, pp. 1232-1252, 2006.
- MANZENREITER, W.. The Beijing Games in the Western Imagination of China: The weak power of soft power. *Journal of Sport and Social issues*, v. 34, n. 1, pp. 29-48, 2010.
- MASCARENHAS, Fernando; ATHAYDE, Pedro Fernando Avalone; SANTOS, Mariângela Ribeiro Dos; MIRANDA, Natália Nascimento. O bloco olímpico: Estado, organização esportiva e mercado na configuração da agenda Rio 2016. *Revista da ALESDE*, v. 2, n. 2, pp. 15-32, 2012.
- MILLER, David. *London 2012: The official history of the Olympic Games and the IOC, 1894-2012*. London: Mainstream, 2012.
- MONCLÚS, Francisco-Javier. Barcelona 1992. In: GOLD, John; GOLD, Margaret (eds.). *Olympic cities: city agendas, planning and the world's games, 1896-2012*. Oxfordshire: Routledge, pp. 218-236, 2007.
- MUÑOZ, Francesc. Olympic urbanism and Olympic Villages: Planning strategies in Olympic host cities, London 1908 to London 2012. *Sociological Review*, v. 54, n. s2, pp. 175-187, 2006.
- NYE, J. *Soft power: the means to succeed in world politics*. New York: PublicAffairs, 2004.
- NYE, J. Public diplomacy and soft power. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, v. 616, n. 1, pp. 94-109, 2008.
- PERSSON, C. The Olympic Games Site Decision. *Tourism Management*, v. 23, n. 1, pp. 27-36, 2002.
- PUNTER, John. Urban design in central Sydney 1945-2002: laissez-faire and discretionary

- traditions in the accidental city. *Progress in planning*, v. 63, n. 1, pp. 11-160, 2005.
- RITCHIE, J. R. Brent. Assessing the Impact of Hallmark Events: Conceptual and Research Issues. *Journal of Travel Research*, v. 23, n. 1, pp. 2-11, 1984.
- ROCHE, Maurice. Megaevents and micromodernization: on the Sociology of new urban tourism. *British Journal of Sociology*, v. 43, n. 4, pp. 563-600, 1992.
- ROSE, Andrew K.; SPIEGEL, Mark M.. Do Mega Sporting Events Promote International Trade? *SAIS Review*, v. 31, n. 1, pp. 77-85, 2011a.
- \_\_\_\_\_. The Olympic Effect. *The Economic Journal*, v. 121, pp. 652-677, 2011b.
- RUBIO, Katia (org). *Megaeventos esportivos, legados e responsabilidade social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- RUBIO, Katia. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. *Revista brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 24, n. 1, pp.55-68, jan./mar. 2010.
- SATOH, Haruko. Legitimacy Deficit in Japan: The Road to True Popular Sovereignty. *Politics & Policy*, v. 38, n. 3, pp. 571-588, 2010.
- SCHERER, Jay. Olympic Villages and Large-scale Urban Development: Crises of Capitalism, Deficits of Democracy? *Sociology*, v. 45, n. 5, pp. 782-797, 2011.
- SEH-JIK, Park. *The Seoul Olympics: the inside story*. London: Bellew Publishing, 1991.
- SHORT, John R. Globalization, cities and the Summer Olympics. *City*, v. 12, n. 3, pp. 321-340, 2008.
- SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da *et. al.* As expectativas da mídia sobre o legado das Olimpíadas de 2016: racionalidade instrumental e substantiva. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 4, pp. 939-957, out./dez. 2011.
- SMYTH, Rosaleen. From the empire's 'Second Greatest White City' to multicultural metropolis: the marketing of Sydney on film in the 20<sup>th</sup> century. *Historical Journal of Film, Radio and Television*, v. 18, n. 2, pp. 237-262, 1998.
- SUGDEN, J.; TOMLINSON, A. *FIFA and the contest for world football: who rules the people's game?* Cambridge: Polity Press, 1998.
- TAVARES, Otávio. Megaeventos esportivos. *Movimento*, v. 17, n. 03, p. 11-35, jul/set de 2011.
- TAGSOLD, Christian. Modernity, Space and National Representation at the Tokyo Olympics 1964. *Urban History*, v. 37, n. 02, pp. 289-300, 2010.
- WAITT, Gordon. Playing games with Sydney: Marketing Sydney for the 2000 Olympics. *Urban Studies*, v. 36, n. 7, pp. 1055-1077, 1999.
- \_\_\_\_\_. Social Impacts of the Sydney Olympics. *Annals of Tourism Research*, v. 30, n. 1, pp. 194-215, 2003.
- WHITELEGG, Drew. Going for Gold: Atlanta's bid for fame. *International journal of urban and regional research*, v. 24, n. 4, pp. 801-817, 2000.
- WORNE, J. Britain's Gold Medal in Soft Power. *Huffington Post*, 21 nov. 2012. Disponível em: [http://www.huffingtonpost.co.uk/john-worne/britains-soft-power-gold-medal\\_b\\_2165253.html](http://www.huffingtonpost.co.uk/john-worne/britains-soft-power-gold-medal_b_2165253.html)>. Acesso em: 06 abr. 2013.
- XU, Xin. Modernizing China in the Olympic Spotlight: China's National Identity and the 2008 Beijing Olympiad. *The Sociological Review*, v. 54, n. s2, pp. 90-107, 2006.